

## GRUPOS TERAPÊUTICOS COMO CENÁRIO DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO MÉDICA: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE APOIO INTERATIVO AOS PORTADORES DE PARKINSON - GAIPP

Jennifer do Vale e Silva<sup>\*</sup>  
Dayane Pessoa de Araújo<sup>\*\*</sup>  
Ernani de Souza Leão Neto<sup>+</sup>  
Ana Luiza Fernandes Vieira<sup>++</sup>  
Lucas Pontes Nunes Carlos<sup>#</sup>  
Tâmara Tamiris Rocha Vieira<sup>##</sup>  
Francisca Clementino de Souza<sup>∅</sup>

**RESUMO:** o presente artigo tem por objetivo sistematizar e refletir sobre a experiência de Educação em Saúde desenvolvida por estudantes e docentes do Curso de Graduação em Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) junto a um grupo terapêutico, o Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson (GAIPP), sediado em Mossoró-RN e composto por pessoas com a doença de Parkinson e seus cuidadores. Trata-se de uma experiência em curso, desenvolvida desde março de 2016, sob a forma de encontros mensais onde são explorados temas previamente selecionados pelo Grupo, sob os aportes da Educação Popular em Saúde. Observa-se que a prática educativa problematizadora e pautada no compartilhamento de saberes científicos e populares é potente na produção de aprendizados operacionalizáveis e significativos ao contexto de vida dos participantes; que o dinâmica grupal traz inúmeros benefícios, além da construção de conhecimentos, como a construção de redes de apoio social e psicológica; e, que a utilização de grupos terapêuticos como espaço de formação

\* Mestre em Saúde Pública (UFC). Docente do Departamento de Ciências Biomédicas. Faculdade de Ciências da Saúde. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Endereço: Miguel Antônio da Silva Neto, S/N - Aeroporto, Mossoró - RN, 59607-360. Telefone: (84) 3315-2248. E-mail: jennifer\_vale@hotmail.com

\*\* Mestre em Neurofarmacologia (UFC). Docente do Departamento de Enfermagem. Faculdade de Enfermagem. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: dayanepessoa@gmail.com

+ Acadêmico do Curso de Graduação em Medicina. Departamento de Ciências Biomédicas. Faculdade de Ciências da Saúde. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ernanineto\_@hotmail.com

++ Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina. Departamento de Ciências Biomédicas. Faculdade de Ciências da Saúde. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: analuizafernandes2@yahoo.com.br

# Acadêmico do Curso de Graduação em Medicina. Departamento de Ciências Biomédicas. Faculdade de Ciências da Saúde. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: lucaspontes44@gmail.com

## Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina. Departamento de Ciências Biomédicas. Faculdade de Ciências da Saúde. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: tamaratamiris@hotmail.com

∅ Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina. Departamento de Ciências Biomédicas. Faculdade de Ciências da Saúde. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: franciscasouza234@gmail.com

médica permite a construção de competências no campo da atenção, gestão e educação em saúde.

Palavras-Chave: Educação em Saúde. Educação Popular. Educação Médica. Grupos Terapêuticos.

### **THERAPEUTIC GROUPS AS A SCENARIO FOR LEARNING IN MEDICAL TRAINING: THE EXPERIENCE OF THE INTERACTIVE SUPPORT GROUP TO PARKINSON ENTERPRISES**

**ABSTRACT:** this article aims to systematize and reflect on a Health Education experience developed by students and professors of the Medicine Undergraduate Course at the State University of Rio Grande do Norte (UERN) with the Interactive Support Group for Parkinson's Patients focusing on the development of competencies for the practice of medicine. This experience has been developed since March 2016 with monthly meetings where topics selected by the group are explored with contributions of Popular Health Education. The use of therapeutic groups as a medical training space allows a building occupational skills in the field of care, health management, education, medical training in human resources and addressing the health needs of populations.

**Keywords:** Health Education. Popular Education. Medical Education. Therapeutic Groups.

## **1 INTRODUÇÃO**

As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Medicina estabelecem, a partir de 2014, que o médico formado no Brasil deve ter o perfil generalista, humanista, crítico, reflexivo e ético, com capacidade para atuar na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde, nos âmbitos individual e coletivo, com responsabilidade social e compromisso com a defesa da cidadania, da dignidade humana, da saúde integral do ser humano (BRASIL, 2014).

O presente artigo tem por objetivo sistematizar e refletir sobre a experiência de Educação em Saúde desenvolvida por estudantes do Curso de Graduação em Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) junto a um grupo terapêutico, o Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson (GAIPP), analisando as contribuições deste cenário de aprendizagem para a

construção das competências necessárias à formação daquele perfil profissional e para o cuidado desse público.

A educação em saúde compõe, no contexto atual das práticas sanitárias no Brasil, um conjunto de possibilidades voltadas para a tessitura de novas formas de se fazer saúde (AMARAL; PONTES; SILVA, 2014). De uma prática dirigida à prevenção de doenças e controle de doentes sob os aportes da biomedicina, a Educação em Saúde passou a orientar-se, a partir dos movimentos da Medicina Social e da Educação Popular na segunda metade do século XX, pela construção compartilhada de saberes e formas de vida comprometidas com a melhoria das condições de saúde da população (STOTZ, 2007).

Trata-se de uma experiência extensionista originada a partir da iniciativa foi do GAIPP que, em fevereiro de 2016, encaminhou ofício ao Grupo de Estudos em Saúde Coletiva (GESC), da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da UERN solicitando apoio para realização de atividades educativas, o que culminou no projeto de extensão “Trabalhando e Aprendendo com Grupos em Saúde” a ser operacionalizado no âmbito do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva (GESC), vinculado ao Programa de Promoção, Assistência e Educação em Saúde do Semiárido Potiguar (PAESP).

O desenvolvimento da extensão universitária exerce papel importante na formação do profissional cidadão através da geração de novos conhecimentos e tecnologias favorecendo o aperfeiçoamento do espírito crítico, reflexivo e humanitário; bem como estimula o desenvolvimento de estratégias para a superação das desigualdades sociais utilizando a relação bidirecional entre a universidade e a sociedade (RESENDE et al., 2013; SANTOS JÚNIOR, 2010).

De acordo com Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 1999, p.5), a extensão universitária pode ser entendida como:

O processo educativo que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão dupla com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade docentes e discentes terão um aprendizado que submetido à reflexão teórica, seria acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência a mudança de conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atenção da universidade.

Na formação médica, o processo ensino-aprendizagem deve acontecer de forma a favorecer o desenvolvimento do aluno, envolvendo-o em experiências que promovam a ampliação do seu saber, contribuindo para atender as necessidades da sociedade (PONTE et al., 2009). Portanto, os programas de extensão universitária na formação médica desvelam a importância de sua existência, uma vez que permite a troca de experiências entre docentes, alunos e comunidade favorecendo a aprendizagem pautada nas práticas cotidianas que se correlacionam com o ensino e a pesquisa, proporcionando o confronto entre a teoria e as necessidades da sociedade, e contribuindo com desenvolvimento de práticas de saúde humanizadas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Um grupo é um conjunto de pessoas motivadas por necessidades compartilhadas que interagem cooperativamente em torno de uma tarefa específica. No caso dos grupos terapêuticos, objetivo primordial é a melhoria de patologias específicas dos indivíduos, visando realizar tarefas de promoção da saúde (BERSTEIN, 1986; SANTOS et al, 2006; OSÓRIO, 2000).

Um grupo terapêutico também pode ser entendido como uma dinâmica operativa, voltada para a saúde de uma coletividade acometida por um evento patológico. Esse tipo de grupo é de extrema importância pois permite as pessoas potencializem as trocas de diálogos, compartilhem suas experiências e garantirem uma melhoria na adaptação ao modo de vida individual e coletiva (ZIMERMAM, 2007 apud BENEVIDES et al. 2010).

Existem vários tipos de grupos terapêuticos no que se refere aos seus objetivos: psicoterápicos, que são conduzidos por terapeutas especializados; de autocuidado, o qual estimulando os participantes a alterar ou buscar comportamentos mais saudáveis ajuda na melhora do autocuidado; de socialização que pode ajudar pessoas que passaram por algum episódio traumático e que por isso interromperam seus vínculos sociais, sendo muito útil para reabilitação dos

pacientes após situações debilitantes; e o de suporte, o qual pode ajudar as pessoas durante períodos de ajustamento a mudanças (DIAS; SILVEIRA; WITT, 2009).

O Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson (GAIPP), se assemelha mais ao tipo de grupo de suporte, pois nele os portadores compartilham suas experiências em comum para ajudar a uma melhor resposta e atitude frente a doença tanto para os novos integrantes parkinsonianos como para os não parkinsoniano, estimulando uma melhor aceitação da realidade vivida, além de estimular uma reflexão sobre como se deve ver o mundo diante das limitações que são impostas de uma forma geral.

Contudo, compreende-se que o GAIPP também se configura como um grupo de Promoção da Saúde, pois as experiências nele desenvolvidas vão além do simples objetivo de combater as doenças, abarcando a tarefa de contribuir com construção da identidade da pessoa na busca da saúde física, mental e social de si mesma e da sociedade em que vive (SANTOS et al, 2006).

A Educação Popular em Saúde é um tipo de educação problematizadora constituída no Brasil em sintonia com o Movimento da Reforma Sanitária Brasileira a qual, alicerçada na Educação Popular sistematizada por Paulo Freire, promoveu uma ruptura com as práticas preventivistas pautadas na prescrição de comportamentos, historicamente hegemônicas no campo da saúde pública, e fundamentou práticas educativas construídas mediante o diálogo com os saberes populares e comprometidas com a melhoria das condições de vida das populações desfavorecidas no âmbito socioeconômico (AMARAL; PONTES; SILVA, 2014).

A Educação em Saúde é uma das três áreas de competência para o exercício do trabalho médico, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Medicina de 2014, ao lado das áreas da Atenção à Saúde individual e Coletiva e da Gestão em Saúde (BRASIL, 2014). Em todas elas, as competências estão expressas em macroações que se desdobram em fazeres específicos no âmbito da prática médica.

Competência é compreendida como a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes, com utilização dos recursos disponíveis, e exprimindo-se em iniciativas e ações que traduzem desempenhos capazes de solucionar, com pertinência, oportunidade e sucesso, os desafios que se apresentam à prática profissional, em

diferentes contextos do trabalho em saúde, traduzindo a excelência da prática médica, prioritariamente nos cenários do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2014, p.4)

A competência expressa a manifestação prática de três elementos que se articulam: conhecimentos, habilidades e atitudes (BRASIL, 2014). Santos et al (2006) afirma que os Grupos de promoção à saúde auxiliam na construção de competências do profissional e que, o contexto do SUS, poderão ser utilizados como importantes recursos técnicos que auxiliam a construção e aperfeiçoamento de serviços associados ao conceito positivo de saúde (SANTOS et al, 2006).

### **3 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Realizados mensalmente desde março de 2016, os encontros do Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson (GAIPP) são realizados com a participação de cinco acadêmicos e um professor do curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), uma professora do curso de Enfermagem da mesma instituição, acadêmicos de outras instituições de ensino superior da cidade de Mossoró, cuidadores de portadores da doença de Parkinson e parkinsonianos.

O GAIPP conta com a participação de aproximadamente 70 parkinsonianos e cuidadores, sob a coordenação de uma parkinsoniana, e a frequência média de participantes por encontros é de 30 pessoas. As atividades educativas são previamente planejadas em reuniões, em que se analisam os melhores recursos metodológicos e formas de abordagem para cada temática, e as responsabilidades dos acadêmicos.

Os temas foram sugeridos pelo próprio grupo, na primeira reunião do ano: fisiopatologia do Parkinson, terapias para a doença, direito à saúde, fisioterapia e educação física aos portadores da doença, espiritualidade e saúde e relação entre usuários e profissionais de saúde. Com base no referencial teórico da Pedagogia da Problematização, utilizam-se metodologias participativas, principalmente a roda de

conversa potencializada com recursos audiovisuais, no intuito de facilitar a compreensão e estimular o diálogo entre os participantes.

Os encontros são marcados pela troca de experiências e conhecimentos sobre os temas, além de relatos pessoais, vivências e expectativas com relação ao viver com Parkinson. A dinâmica dos encontros permite a produção de relações horizontais entre profissionais da saúde e a comunidade, estimula o autocuidado e a prevenção de doenças e a promoção de saúde. As experiências permitem a construção de vínculos entre os portadores de Parkinson e profissionais de saúde, bem como constrói subsídios para a formação de profissionais com perfil crítico-reflexivo e responsabilidade social.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 PRÁTICA EDUCATIVA E APRENDIZAGENS ENTRE OS PARTICIPANTES DO GAIPP**

A prática educativa desenvolvida buscou orientar-se pelo princípio educativo do “saber ouvir” (CECCIM, 2007). Por isso, o primeiro encontro com o grupo foi destinado a ouvir o que os parkinsonianos e seus cuidadores esperavam de nós, um grupo acadêmico, e quais suas necessidades de aprendizagem. O planejamento do primeiro encontro incluiu, além desse propósito principal, o desenvolvimento de um tema, selecionado pelo GESC, pois havia o receio de que o momento da escuta pudesse abreviar-se e que, em seguida, o encontro fosse tomado pela expectativa de uma exposição temática de nossa parte. Daí, nos preparamos para falar das epidemias de Dengue, Zika e Chicungunya, tendo em vista que já sabíamos que muitos deles estavam ou haviam sido acometidos por essas patologias.

Adotou-se a Roda de Conversa como recurso metodológico para os encontros pois entendemos que uma prática educativa que buscasse o compartilhamento de saberes e experiências, se beneficiaria deste recurso pelo fato dele colocar todos os participantes face a face e em posições similares em relação

ao centro da roda, criando um ambiente de igualdade entre os participantes, potencialmente favorecedor para os mesmos viessem a se expressar.

O primeiro encontro foi surpreendente pela postura participativa e sua dinâmica dialógica. Os parkinsonianos e seus cuidadores se expressaram com muita liberdade e entusiasmo, colocando não somente suas necessidades de aprendizagem, mas, simultaneamente, suas vivências e expectativas. Muito rapidamente se desfizeram algumas das expectativas tradicionais de quem vive no ambiente universitário: de que somente nós, os acadêmicos, seríamos os falantes, aos moldes da educação tradicional; de que eles seriam tímidos, passivos e detentores de poucas informações sobre sua doença; de que nós “transmitiríamos” a eles os conhecimentos adquiridos na academia; e, de que se instauraria um ambiente similar àquele majoritariamente reproduzido no ambiente universitário, com um professor que ensina e um estudante que aprende.

A dinamicidade do primeiro encontro, com múltiplos falantes, diálogos, saberes e conhecimentos que não estavam descolados do mundo, ao contrário, entrelaçavam-se aos problemas e vivências cotidianas daqueles sujeitos, tomou a cena e não deixou espaço para a educação tradicional, evidenciando, logo de início, para nós, a potencialidade dos pressupostos da educação problematizadora que buscávamos operacionalizar.

Observou-se a pertinência das questões levantadas pelo grupo a partir de todos os temas, mostrando o valor do conhecimento popular sobre os problemas da saúde e da doença. Eles levantaram questões que, em muitos casos, reiteram as evidências científicas produzidas e, por outro, levantam hipóteses ainda não exploradas pela ciência.

Em síntese, os encontros têm possibilitado as seguintes aprendizagens: a reconstrução da imagem de um usuário passivo, pobre em informações e destituído de saberes relevantes para seu processo saúde-doença; a percepção dos múltiplos significados que uma determinada condição de saúde pode ter para as diversas pessoas; a percepção de que há outros saberes valiosos para dialogar com os conhecimentos científicos dos profissionais de saúde, e que o diálogo desses saberes potencializa a compreensão e o enfrentamento dos problemas de saúde.

## 4.2 BENEFÍCIOS DOS ENCONTROS TERAPÊUTICOS PARA O ENFRENTAMENTO DA DOENÇA DE PARKINSON

Observa-se que os encontros têm possibilitado benefícios diversos a seus membros: a construção de novos conhecimentos sobre sua doença e os cuidados a ela dirigidos; a criação de oportunidades de fala e manifestação dos seus integrantes; a criação de um ambiente de socialização, marcado pela troca de experiências; e a construção de uma rede de apoio.

A construção de conhecimentos sobre sua doença e os cuidados ocorre mediante a discussão de temas e o compartilhamento de conhecimentos, saberes e experiências entre os parkinsonianos, seus cuidadores e colaboradores da universidade. As oportunidades de fala são dadas no grupo pela metodologia já usual de conversar em roda e de facultar a palavra a quem dela desejar fazer uso, diante do que se observa a necessidade deles em falar de seus problemas e vivências, o que percebemos ser algo de muita relevância e que pode ser objeto de maior compreensão.

A criação de um ambiente de socialização é constatada pela dinâmica das relações constituídas no grupo, o que aparenta ser de grande significado, pelo reconhecimento das pessoas como sujeitos e pelos sentidos que eles podem dar a própria vida a partir do grupo. A constituição de uma rede de apoio social se expressa na ajuda por eles obtida no grupo para acessar os serviços de saúde e serviços sociais em geral, que são facilitados pela assistente social do grupo, bem como pela coordenadora, também parkinsoniana. Concretiza-se ainda uma rede de apoio psicológica, motivando principalmente pelo recurso da palavra (de modo presencial e por redes sociais) os integrantes, sobretudo quando enfrentam momentos de dificuldade pessoal.

## 4.3 CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS PARA O TRABALHO MÉDICO

O grupo terapêutico vem permitindo os acadêmicos construir competências nas diversas áreas que se espera deles a partir das novas diretrizes

para a formação médica (BRASIL, 2014): atenção à saúde individual e coletiva, gestão em saúde e educação em saúde.

Na área da atenção à saúde, identificam-se as seguintes competências que podem ser desenvolvidas pelo uso de grupos terapêuticos como espaço de formação médica: identificação de necessidades de saúde, desenvolvimento e avaliação de planos terapêuticos, investigação de problemas de saúde coletiva, e desenvolvimento e avaliação de projetos de intervenção coletiva.

Na área da gestão em saúde, os grupos favorecem a construção de competências relativas à organização dos processos de trabalho em saúde, atividade central ao campo da gestão, tais como: trabalhar com a perspectiva dos usuários acerca dos problemas de saúde e suas possíveis soluções; desenvolver um trabalho colaborativo, mediante a atuação em equipe com outros profissionais de saúde; estabelecer problemas prioritários, e fazê-lo em ambiente de pluralidade de opiniões e valores e elaborar, além de implementar projetos de intervenção de forma coletiva, colaborativa, criativa e mediante o exercício da negociação.

A área da Educação em Saúde é a que está localizada a maior contribuição para a formação do médico, tendo em vista os grupos são espaços de desenvolvimento permanente de ações educativas, criando possibilidades para que se desenvolvam as seguintes competências: identificação de necessidades de aprendizagem individual e coletiva; promoção da construção e socialização do conhecimento; e, promoção do pensamento científico e crítico e apoio à produção de novos conhecimentos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A condução de práticas educativas por médicos em formação no âmbito de grupos terapêuticos fortalece a capacidade desses grupos em lidar com os problemas de saúde e de vida de seus integrantes e cria ambientes de grande potência para a construção de competências no campo da atenção, gestão e educação em saúde, fundamentais na formação de profissionais capazes de compreender e lidar com as complexas necessidades de saúde das populações.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, M. C.S.; PONTES, A.G.V.; SILVA, J.V. O Ensino de educação popular em saúde para o SUS: experiência de articulação entre graduandos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v.18, supl. 2, p.1547-1558, 2014.

BENEVIDES, D. S. et al. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface (Botucatu)**, v.14, n. 32, p. 127-138, 2010.

BERSTEIN, M. Contribuições de Pichón-Rivière à psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L.C. **Grupoterapia Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 3, de 20 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15874-rces003-14&category\\_slug=junho-2014-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15874-rces003-14&category_slug=junho-2014-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 16 abr. 2017.

BRASIL. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária (1999-2001)**. Brasília: SESU/MEC, 1999.

DIAS, V. P.; SILVEIRA, D. T.; WITT, R. R. Educação em saúde: o trabalho de grupos em atenção primária. **Rev. APS**, v. 12, n. 2, abr./jun. 2009.

FRANCISCO, V. T et al, A. Um Modelo de promoción de la salud y desarrollo comunitário. In: BALCÁZAR, F. E.; MONTERO, M.; NEWBROUGH, J. R. **Modelos de la psicología comunitária para la promoción de la salud y prevención de las enfermedades em las Américas**. Washington: Organización Panamericana de la Salud; 2000.

OSÓRIO, L. C. **Grupos: teorias e práticas acessando a era da grupalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PONTE, C. I. R. V et al. extensão universitária na Famed/UFRGS: cenário de formação profissional. **Rev. Bras. Educ. Med.** Rio de Janeiro, v.33, n.4, oct.-dez., 2009.

RESENDE, J. C. et al. Importância da Iniciação científica e projetos de extensão para graduação em medicina. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**. v. 17, n. 1, p.11-18, 2013.

SANTOS JÚNIOR, C. F. **A Extensão universitária e a formação médica: contribuições da experiência da participação no projeto Cananéia da UNIFESP.** 2010. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde) - Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo. Disponível em: <[http://www2.unifesp.br/centros/cedess/producao/teses/tese\\_p\\_85a\\_2010.pdf](http://www2.unifesp.br/centros/cedess/producao/teses/tese_p_85a_2010.pdf)>.

SANTOS, L. M et al. Grupos de promoção à saúde no desenvolvimento da autonomia, condições de vida e saúde. **Rev. Saúde Pública.** São Paulo, v.40, n.2, 2006.

STOTZ, E. Enfoques sobre educação em saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Participativa. Departamento de Apoio a Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

ZIMERMAN, D. A Importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. **Vínculo,** São Paulo, v. 4, n. 4, p. 1-16, 2007.